



Após criar o homem, o casamento foi uma das primeiras realidades que o Criador instaurou na criação e dentro deste contexto não podemos deixar de notar o tema da sexualidade. O que vemos quando olhamos para o tema da sexualidade por meio dos óculos das Escrituras? O que significa a sexualidade em uma cosmovisão cristã? Quais as

diretrizes bíblicas para a sexualidade?

A sexualidade tem origem no fato de que o Eterno decidiu nos fazer homens e mulheres e esse primeiro fato é de crucial importância para a compreensão da sexualidade na perspectiva das Escrituras. Como afirmar Kathy Keller: “A primeira menção a distinção entre homem e mulher na Bíblia ocorre junto com a primeira menção a humanidade em si. ‘E Deus criou o homem a sua imagem; a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou’ (Gn 1.27). Isso significa que nossa masculinidade e nossa feminilidade não são secundárias em relação a nossa humanidade, mas constituem sua essência. Deus não nos criou como humanidade genérica e só depois nos diferenciou. Desde o começo, fomos criados homem e mulher. Cada célula de nosso corpo é marcada como xx ou xy”.<sup>1</sup>

É importante frisar alguns fatos sobre a criação do homem e da mulher a fim de compreendermos o que as Escrituras dizem sobre a sexualidade. Primeiro, vamos dar uma olhada no propósito da sexualidade. A primeira questão é que a sexualidade é uma criação do Eterno, pois Deus criou o homem e a mulher e lhes disse que fossem fecundos!<sup>2</sup> Deus criou o homem como um ser que possui uma porção material – corpo – e uma porção imaterial – alma/espírito.<sup>3</sup> Seja qual for a posição doutrinária sobre o ser humano – dicotomia ou tricotomia – o fato é que o homem é o único ser da criação que possui um corpo assim como os demais animais e ainda sim é dotado de personalidade, espiritualidade, um sopro de Deus nele.

Por isso, podemos compreender que em um dado sentido há um propósito claro e evidente de reprodução e prazer físico na sexualidade, uma vez que o homem é um ser físico, biológico, que tem uma fisiologia e uma anatomia. Rob Bell nos lembra que quando apenas essa perspectiva do homem como ser físico é enfatizada, geralmente passa a se pensar no sexo como um apetite, pois afinal somos apenas animais.<sup>4</sup> O sexo é visto como um ato físico apenas, o que despreza a visão do homem a partir das Escrituras, pois Deus nos criou também como seres espirituais, pessoais, seres de relacionamento e conexão, o que muda completamente o entendimento da sexualidade como mero apetite e impulso hormonal. Bell afirma: “Para muitos, sexualidade é apenas o que acontece entre duas pessoas envolvidas em prazer físico. Mas esta é apenas uma pequena porcentagem do que sexualidade é. Nossa sexualidade se trata de todas as maneiras pelas quais lutamos para nos reconectar com o mundo, com o outro e com Deus”.<sup>5</sup>

A sexualidade provê não apenas prazer e procriação mas conexão, intimidade, esculpindo um lugar de exposição de si mesmo, vulnerabilidade. É estar sem máscaras. É estar diante do outro. Autores bíblicos geralmente utilizam eufemismos para se referirem ao ato sexual, e o mais comumente utilizado é o verbo “conhecer” no hebraico (*yadáh*), apontando para experiência sexual como sendo de uma conexão tão íntima a ponto de gerar um conhecimento do outro, uma conexão íntima.<sup>6</sup> Milan Kundera já havia dito que as pessoas fazem amor para poderem ficar abraçadas e poder recostar no colo umas das outras.<sup>7</sup>

O livro de Cantares consegue captar essa dualidade da sexualidade humana prazer/conexão dentro da belíssima poesia de seus versos, mostrando ora as delícias dos corpos dos amantes em toda sua volúpia como utilizando de metáforas como a do jardim e do quarto, passagens que mesclam a intimidade e alegria na presença do outro com passagens apaixonadas (Ct 4.1-15). Além disso, a simples existência de um livro nas Sagradas Escrituras que tratam sobre o amor romântico entre homem e mulher com tantos detalhes e beleza quanto Cantares já deveriam ser suficientes para superarmos dificuldades de discutir a sexualidade a partir das Escrituras ou negligenciar a importância da sexualidade em nossas vidas. Agreste destaca que muitos casais tem imensas dificuldades nessa área e que muitas vezes caminha silenciosamente para o divórcio ao invés de procurar ajuda nesta área.<sup>8</sup> Se é errado pensarmos no homem como um mero animal e a sexualidade como mero apetite, também é equivocado um discurso assexuado como se fôssemos anjos.<sup>9</sup> Negar

<sup>1</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.204

<sup>2</sup> BEAL, MATTHEW: *Sexuality*, BARRY, J. D. ; BOMAR, D. ; BROWN, D. R. ; KLIPPENSTEIN, R. ; MANGUM, D. ; SINCLAIR WOLCOTT, C. ; WENTZ, L. ; RITZEMA, E. ; WIDDER, W. (orgs.). *The Lexham Bible Dictionary*.

<sup>3</sup> BERKHOF, Louis. *Manual de Doutrina Cristã*. Campinas: LPC, 1985, p.109,110

<sup>4</sup> BELL, Rob. *Sex God*. Grand Rapids: Zondervan, 2007, p.53

<sup>5</sup> BELL, Rob. *Sex God*. Grand Rapids: Zondervan, 2007, p.42

<sup>6</sup> BEAL, MATTHEW: *Sexuality*, BARRY, J. D. ; BOMAR, D. ; BROWN, D. R. ; KLIPPENSTEIN, R. ; MANGUM, D. ; SINCLAIR WOLCOTT, C. ; WENTZ, L. ; RITZEMA, E. ; WIDDER, W. (orgs.). *The Lexham Bible Dictionary*.

<sup>7</sup> A insustentável leveza do ser. 1984.

<sup>8</sup> AGRESTE, Ricardo. *Feito para durar*. Santa Bárbara d'Oeste: Z3 Editora, 2007, p.97

<sup>9</sup> BELL, Rob. *Sex God*. Grand Rapids: Zondervan, 2007, p.54

a sexualidade é uma mutilação da criação de Deus. Não devemos negá-la mas procurar compreender os propósitos, padrões e princípios de Deus para sexualidade, dom de Deus para a humanidade.

A sexualidade como uma experiência eminentemente física e ainda sim profundamente espiritual fazem do ato sexual um dom de Deus para a humanidade. Como afirmou Agreste: “Sexo é bom e Deus quis assim!”.<sup>10</sup> Contudo, quando Deus criou a sexualidade, desenhou também para a mesma um contexto dentro da qual esta experiência é vivenciada com toda a profundidade com a qual foi criada. O relato da criação do homem e da mulher de maneira detalhada do capítulo 2 de Gênesis depende do relato da criação do homem e da mulher abreviado no capítulo 1 (Gn 1.26,27). Ou seja, o contexto dentro do qual devemos compreender a sexualidade humana é o fato de que homem e mulher são a imagem e semelhança de Deus. Tim e Kathy Keller apontam para o fato de que “a Bíblia diz que os seres humanos foram criados a imagem e semelhança de Deus. Não é de surpreender, então, que tenhamos sido criados para adorar a Deus e viver para a sua glória, não para a nossa própria. Fomos feitos para servir a Deus e aos outros”.<sup>11</sup>

Essa percepção redefine completamente a perspectiva da sexualidade atual, na qual o sexo é visto como um meio de obter prazer, no qual a mentalidade é construída na base do “é sobre mim”. A sexualidade foi construída pelo Eterno para ser essencialmente vivida e experimentada na base do “é sobre você”, um jeito de viver que não é auto centrado mas centrado no outro. Isso significa dizer que se foi Deus quem criou a sexualidade, o contexto dentro do qual a mesma foi criada é importante para entendermos os padrões de Deus para a sexualidade humana, e o padrão dentro do qual o Criador entrega Eva a Adão é claramente um contexto de aliança. Assim como Deus entra em aliança de relacionamento com o homem assim também a sexualidade foi desenhada para ser vivida dentro do contexto da aliança entre duas pessoas.<sup>12</sup>

A percepção atual de que o casamento e uma sexualidade vibrante não podem coexistir ocorre em parte porque a própria noção da sexualidade é construída de maneira profundamente egoísta e baseada em uma dinâmica de consumo e conquista, e não serviço e entrega.<sup>13</sup> Por outro lado, o fato é que como já afirmamos a visão da sexualidade como mero prazer físico/químico fica aquém da sexualidade pintada pelas Escrituras, no qual há conexão, amor, aliança, entrega, confiança, dedicação exclusiva, aceitação e intimidade. Na verdade, o sexo fora da aliança é que é menos sexo, pois é mero encontro dos corpos e não das almas. Não há negação de que haja prazer, mas também não se pode afirmar com certeza que é algo mais do que mero prazer. Uma vez que o homem não é um mero animal, mas possui pessoalidade, senso de dignidade, deseja por conexão e relacionamento, cristãos ao longo dos séculos tem demonstrado que o único contexto no qual a sexualidade é vivida plenamente é a aliança.

Se a sexualidade foi criada por Deus e é um dom do Eterno para a humanidade, por que o assunto é tão controverso e rodeado por diversas questões tão espinhosas? A resposta está em Gn 3. A queda quebrou o relacionamento original entre Deus e o homem e entre o homem e a mulher, causando uma profunda desconexão. Esta desconexão de Deus acarretou a perda da justiça original do homem, afundando-o no pecado que por sua vez distorce os dons de Deus, incluindo a sexualidade. Ou seja, a sexualidade humana passou por uma distorção – assim como tudo mais no ser humano – e se tornou uma caricatura por vezes grotesca do que foi criada para ser.

O Novo Testamento utiliza a palavra “epithumia” – geralmente traduzida como “concupiscência” – para se referir a um desejo que é impessoal, desproporcional e desordenado (Rm 6.12)<sup>14</sup> para ilustrar os desejos sexuais após a queda. Este desejo, quando consumado, acarreta na “pornéia”, pecado sexual. Paulo argumenta que o pecado sexual tem um diferencial de outros pecados: é um pecado que é cometido no próprio corpo, contra o próprio corpo e portanto uma violência contra si mesmo (1Co 6.15-20). Obviamente o Apóstolo está se referindo ao ato praticado de maneira impessoal, desordenada e fora da aliança. Tim e Kathy Keller demonstram como nossa sociedade atual substituiu a mentalidade antiga do casamento como uma aliança entre duas pessoas que se comprometem com o bem um do outro por uma mentalidade de consumo. Consumidores não tem compromisso com seus fornecedores, mas simplesmente trocam de produto ou de loja quando seus interesses não são mais atendidos. A sexualidade quando é colocada dentro do contexto do consumismo é distorcida, pois ao invés de um compromisso de longa data no qual o outro é reconhecido e amado, as pessoas passam a olhar para o outro como um produto, um meio de ter prazer que mais cedo ou mais tarde será descartado e trocado por outro.<sup>15</sup>

O problema da sexualidade sem a aliança é que ela geralmente torna o amante um meio para um fim – o prazer sexual, e não o contrário: o ato sexual como um meio para se expressar amor, entrega, serviço e vulnerabilidade ao amado/a. O resultado é que as pessoas passam a ser coisificadas e sua pessoalidade desconsiderada. Quando o corpo do outro, sua pessoa toda, é apenas um brinquedo para entretenimento, uma forma de satisfazer um desejo, uma maneira de se chegar ao prazer, então o indivíduo é desumanizado, se torna um objeto, perde sua pessoalidade e a imagem de Deus nele é desprezada e aviltada.<sup>16</sup> Este é o problema básico com a pornografia: ela torna as pessoas meros pedaços de carne, vandalizando a nobreza que o ser humano tem por ter sido criado a imagem e semelhança de Deus. Além do mais, a experiência da sexualidade como mero prazer sensorial sem a conexão íntima e duradoura da aliança não é mais e sim menos do que a sexualidade foi criada para ser.

<sup>10</sup> AGRESTE, Ricardo. *Feito para durar*. Santa Bárbara d'Oeste: Z3 Editora, 2007, p.97

<sup>11</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.42

<sup>12</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.101

<sup>13</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.97

<sup>14</sup> VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE, William Jr. *Dicionário Vine*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p.487

<sup>15</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.100

<sup>16</sup> BELL, Rob. *Sex God*. Grand Rapids: Zondervan, 2007, p.20